

Conjuntura

# PIB mostra recuperação, mas enchente terá impacto

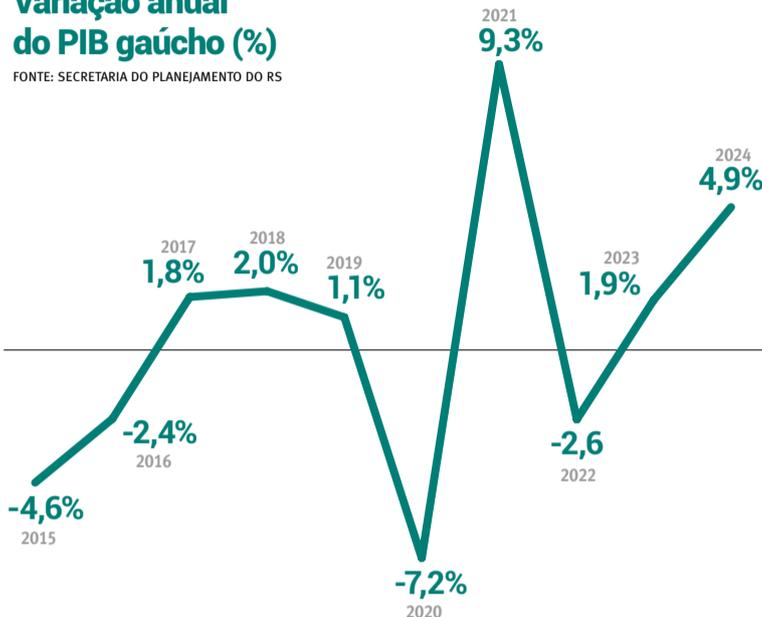
**Departamento de Economia e Estatística observa que consequências como perdas e suspensão de operações terão efeito a médio e longo prazos**

O ano de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática do RS. No mês de maio, enchentes afetaram 471 das 497 cidades gaúchas e, conseqüentemente, suas economias. Apesar disso, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS apresentou um aumento de 4,9% em relação ao de 2023, somando R\$ 706,81 bilhões. O número mostra recuperação do Rio Grande do Sul, mas, de qualquer forma, causa surpresa, considerando as perdas bilionárias em solo gaúcho. Há uma explicação, de acordo com a equipe do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS): o PIB mede o fluxo de produção, e não capta de forma imediata impactos nas perdas de estoque de capital.

Para o diretor do DEE-RS, o estatístico Pedro Zuanazzi, o PIB não é capaz de medir o estoque perdido. “Um exemplo corriqueiro é de quem teve a casa destruída pela enchente e reconstruiu, seja por auxílio do governo, pegando créditos ou até mesmo se endividando. Isso para o PIB pode até ser positivo, porque aquele valor vai estar entrando no PIB, já que é uma construção nova, que está gerando um novo valor. Mas o

**Varição anual do PIB gaúcho (%)**

FONTE: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO RS



estoque do que foi perdido não é reduzido do PIB. Então, às vezes, pode dar uma falsa sensação de que está tudo bem”, analisa.

Os valores positivos de 2024 se devem muito ao agronegócio. A perda de estoque, nesse caso, também deve gerar impactos a longo prazo. “Houve muita perda de fertilidade do solo, a água passava e levava embora aquela camada superficial e vários nutrientes. Isso vai diminuir o rendimento médio das produções ou o produtor vai ter que investir mais para repor a fertilidade. E esse é o típico efeito que a gente não vê no ano, mas que vai aparecer nos próximos períodos”, avalia o economista do DEE-RS Martinho Lazzari.

Tanto Zuanazzi quanto Lazzari

concordam que não é possível estipular por quanto tempo as consequências da enchente na economia poderão ser sentidas.

Afinal, haverá dois diferentes impactos que conflitam entre si: o positivo, proporcionado pela injeção de aportes e recursos voltados à retomada econômica e à resiliência; e o negativo, gerado pela perda de estoques de capital.

O impacto positivo da reconstrução pode ser, de certa forma, estimado pelo calendário do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas há ainda outros projetos de reconstrução e resiliência que geram impactos indiretos na economia. Por sua vez, os impactos negativos são ainda mais difíceis de avaliar, segundo os pesquisadores.

## Região da Serra deverá crescer nos próximos anos

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho é divulgado trimestralmente, os dados municipais são informados com defasagem de alguns anos. O mais recente recorte municipal do PIB é com os dados de 2021. Uma revisão da metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atrasou a divulgação dos números de 2022, que apenas será apresentada no final deste ano. Mesmo assim, é possível avaliar tendências regionais.

Pesquisadores do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), vinculada à Secretaria Estadual do Planejamento, consideram ser possível dividir o Rio Grande do Sul, de uma maneira geral, em duas grandes porções: a parte Centro-Sul e a porção Norte, que forma uma meia lua com Serra, Região Metropolitana e Litoral Norte. Enquanto a parte Norte do Estado apresenta crescimento potencial e indicadores socioeconômicos superiores, a do Sul ainda busca reverter as suas dificuldades.

“Vemos que são dois estados. O desempenho de educação das escolas municipais públicas na Metade Norte do Estado é muito maior que o desempenho das escolas municipais públicas na Metade Sul. Quando pegamos dados de renda, vemos dois estados, diferenças sociais muito

grandes. E conseguir reverter isso é algo bem difícil. Existem diversas iniciativas (previstas para o Sul), empresas que estão se instalando, temos a expectativa de que, sim, se possa reverter”, avalia o coordenador do DEE-RS, Pedro Zuanazzi.

Há, ainda, especificidades regionais. A Região da Campanha, por exemplo, diferencia-se da Região Sul, de Rio Grande e Pelotas, embora ambas possam ser alocadas na porção Sul do Estado, assim como Fronteira Oeste, que engloba municípios como Uruguaiana e Alegrete, com uma economia agrícola e marcada por desigualdades sociais.

A divisão do RS em porções menores — como a que divide o Estado em cinco grandes regiões, proposta pelo Mapa Econômico do RS, realizado pelo Jornal do Comércio — permite identificar essas características específicas de cada uma delas, radiografando com maior precisão a economia gaúcha.

Nesse aspecto, a Serra, assim como o Litoral Norte, chama a atenção pelo crescimento populacional, embora os dados mais recentes do Censo tenham sido publicados em 2022, antes da enchente e sem pegar todo o impacto da pandemia. De qualquer forma, o fluxo maior de população gera demandas, que conseqüentemente levam à criação de negócios e à geração de empregos. Assim, são zonas que podem ter algum crescimento nos próximos anos, conforme os especialistas.

### BRDE. Parceria que tira projetos do papel e coloca pessoas no mercado de trabalho.

Em 2024, os financiamentos do BRDE impulsionaram a criação de mais de **90 mil** empregos nos estados do sul do país. Um resultado que reforça o papel do banco no desenvolvimento socioeconômico que transforma vidas.

Financiando hoje o emprego de amanhã. Saiba mais em [brde.com.br](http://brde.com.br)

